

# Construções em psicanálise e mitos

Ana Maria Rudge

Na dialética entre analista e analisando, uma das referências é a construção, obra comum que se assemelha - em sua função e em sua estrutura - aos mitos das sociedades mais arcaicas.

O objetivo desse trabalho é propor uma analogia entre o mito e as construções em psicanálise. Analisando alguns aspectos nos quais os mitos e as construções podem ser consideradas análogos, pode-se obter um entendimento mais amplo tanto da função do mito na cultura quanto dos mitos construídos com nossos analisandos. A idéia é abordar o mito em geral e sua função na cultura de que faz parte, comparando-a com a função das construções no processo psicanalítico. Para desenvolver essa analogia, será apresentado um caso clínico. O fragmento é tomado como um exemplo de construção, que poderemos explorar para levantar questões teóricas e técnicas relevantes para a psicanálise.

Que importância atribui Freud às construções em análise? Num artigo de 1937, o único cujo tema central são as construções, ele procura definir estritamente sua natureza, distinguindo-as das interpretações. A interpretação é uma intervenção do analista em uma associação ou ato falho específico. Por outro lado, uma construção é a produção de um fragmento determinado da história do analisando, uma pequena narrativa que visa a investigação de um período da sua infância.

Ana Maria Rudge é membro-psicanalista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID) e professora-assistente da PUC/RJ. Este trabalho, financiado por uma bolsa da FAPERJ, foi apresentado na VIII Conferência da Federação Internacional de Sociedades Psicanalíticas.

Freud nos apresenta um exemplo da forma que uma construção poderia assumir: “Até x anos, você se considerou o único e irrestrito dono de sua mãe; então veio outro nenê e trouxe a você uma grave desilusão. Sua mãe o abandonou por algum tempo, e depois que reapareceu nunca mais devotou-se exclusivamente a você. Seus sentimentos em relação a sua mãe se tornaram ambivalentes, seu pai tomou uma nova importância para você...”<sup>1</sup> etc. Nesta curta narrativa, o analista busca atingir uma provável verdade histórica com relação à existência do analisando e ao seu romance familiar.

O objetivo do tratamento analítico poderia ser descrito por Freud como um levantamento do recalque. A análise deveria permitir ao analisando lembrar-se de importantes experiências de sua infância que sucumbiriam à amnésia infantil. O ideal a que Freud se ateve por muitos anos foi o de que um quadro completo do passado estivesse disponível à rememoração. Mas, na época em que escreve “Construções em análise”, esse ideal foi abandonado. O texto marca uma descrença na noção de que o processo analítico possa atingir o objetivo de levantar a amnésia infantil.

A tarefa do analisando é relembrar quantos fatos possa, mas qual a do analista? Nos sonhos, associações, mas principalmente pela repetição na transferência, procura pistas do que desapareceu. Através dessas pistas, traços deixados pelo recalque, procura construir o que foi submergido. O papel da construção é inseparável da atividade de investigação do analista.

Freud propõe uma analogia entre o trabalho do analista e o do arqueólogo. A escavação a que este se dedica assemelha-se a atividade do analista em suas construções. Ambos precisam completar com inferências a informação a que têm acesso em suas pesquisas. Entretanto, o analista dispõe de condições

mais favoráveis. O arqueólogo escava em busca de restos das construções que foram destruídas e enterradas. O material de que o analista dispõe, ao contrário, está enterrado no sentido de que se tornou inacessível, mas apenas para o analisando. Para o analista, trata-se de algo do passado, mas que está vivo na repetição, e é frequentemente encenado no palco da transferência.

A construção  
esclarece *eventos*  
*esquecidos* enterrados  
pela amnésia, ou  
revela *desejos e*  
*fantasias recalcados*  
no passado?

A tarefa de reconstruir o passado é descrita como um vaivém em que o analista comunica suas inferências, o analisando responde com novas associações, que por sua vez permitirão ao analista novas inferências, e assim por diante ...

Sem dúvida, o analista pode elaborar construções errôneas. Para corrigi-las ou para abandonar um caminho que se mostrou equivocado, precisa de critérios para avaliar as suas construções, que pertencem ao campo da *conjetura*. O analista, para decidir do acerto de uma construção, conta apenas com confirmações indiretas que recebe do analisando. A mais conclusiva destas confirmações se dá quando as construções despertam memórias que complementam e ampliam as mesmas construções. Mas isso nem sem-

pre ocorre. Muitas vezes a construção não evoca memórias. Neste caso, só no decorrer da análise poderá surgir alguma pista quanto ao seu valor. A boa construção sempre encontra a convicção do paciente, o que não ocorre necessariamente a partir do surgimento das recordações correspondentes. Nesse caso, a convicção do analisando é tudo com o que podemos contar como confirmação, e basta para caracterizar o valor da construção.

A introdução da noção de construção reflete duas novas ênfases no pensamento de Freud. A primeira, já discutida acima, é a desistência de um ideal que defendera com empenho: recuperar as memórias que desapareceram sob a amnésia infantil. Mesmo se não evoca memórias perdidas, mesmo sendo uma narrativa que, como dizem os italianos, “se não é verdadeira, é bem pensada”, a construção é efetiva no tratamento porque de alguma forma recupera algo de uma experiência perdida. A construção sempre traz algo de verdade histórica; é isso que explica o sentimento de convicção que desperta. Freud chega a comparar as construções aos delírios, que também são tentativas de explicação e cura, e carregam algum fragmento de verdade histórica. Comparação que não deixa dúvidas de que Freud não mais acredita no poder do fragmento construído de reproduzir o que na verdade ocorreu.

Afinal, sobre o que recai a construção? Esclarece *eventos esquecidos*, enterrados pela amnésia, ou revela *desejos e fantasias recalcados* no passado?

Na busca de uma resposta, vamos a um texto de 1919, “Bate-se numa criança”, no qual o tema da construção começa a ganhar lugar na teoria. Freud aborda a fantasia de espancamento, à qual atribui um desenvolvimento histórico. A primeira fase da fantasia pode ser representada pela frase “meu pai bate numa criança.” Mas há uma segun-

da fase da fantasia, que possui um cunho masoquista, e pode ser representada pela frase "estou sendo espancado por meu pai." Embora seja a mais importante, e a que é acompanhada de maior prazer, esta fase da fantasia não costuma ser recordada nunca. Mais do que isso, parece que "jamais teve uma existência real"<sup>2</sup>, sendo apenas uma construção da análise. O termo *construção* aparece, portanto, mas ela é mostrada como narrativa que se refere a fantasias produzidas pelo

construir uma cena primária que é mítica. Com ela, tenta dar conta dos efeitos sintomáticos que acompanham a vida do paciente. Desde que atende a esse propósito, é "indiferente considerar a cena de origem como real ou como uma fantasia primária".<sup>5</sup> É seu valor heurístico na compreensão do estado sintomático, assim como seu poder de alterá-lo, que eventualmente confirmará uma construção.

Há uma ênfase no discurso teórico freudiano, que se reflete na ela-

do passado. Assim como o mito é um produto social, por ser um elemento importante da cultura, o mesmo se dá com a construção, que é fruto da prática social em que é forjada. Fornece um sentido às reações e sintomas do analisando, como o mito com a realidade cultural. A construção não pode ser considerada um mito individual, porque deriva da psicanálise como uma prática social. É uma produção social, como o mito, no sentido de que não é criada nem pelo analista nem pelo analisando, não tem autor, mas emerge do processo psicanalítico provendo com sentido uma história transferencial.

O mito é a narrativa de uma história fabulosa ou sagrada ocorrida em um passado remoto, relacionada à origem de algo que é uma realidade atual. É a narrativa de uma criação.<sup>7</sup> Pode ser tomado como verdadeiro, sendo portanto acompanhado de convicção, ou compreendido como um relato alegórico. Os ritos vão lado a lado com os mitos, complementando e revelando seu sentido.

Encontramos no mito, como algo vivo, o poder de conferir significações e valor à existência, fornecendo modelos para o comportamento humano em uma dada cultura. Como mostrou Malinowski, o mito é vital para a cultura porque, longe de ser uma ficção vã, é uma realidade viva à qual se recorre incessantemente, por representar uma verdadeira codificação de um saber prático. O mito é justificado por sua função de estruturar a vida presente. É sem dúvida uma ficção, o relato de algo que não ocorreu na realidade, e contudo não deixa de haver sempre algo factual expresso no mito. Ele lida com "o que é supratemporal e permanente, que nunca deixa de ocorrer, e que, como um paradigma, vale para todos os tempos".<sup>8</sup>

Encontramos nestes aspectos da função do mito uma possível

O mito tem o poder de conferir significação e valor à existência: lida com o supratemporal e o permanente.

desejo inconsciente, e não a fatos da infância. Não há acesso à rocha do evento que não seja intermediado por fantasias e desejos. Se nesse mesmo texto Freud reafirma seu antigo ideal, ao afirmar que a psicanálise só ocorre quando "tem sucesso em remover a amnésia que esconde do adulto o conhecimento sobre sua infância desde o início"<sup>3</sup>, podemos entender que esta amnésia diz respeito não ao puro evento, mas a fantasias e desejos.

Não poderia ser de outra forma. Desde o abandono da teoria da sedução infantil na etiologia das neuroses, sob os sintomas não há mais fatos traumáticos, mas fantasias, ou uma fantasia fundamental. A natureza da fantasia é ser em si mesma uma interpretação.<sup>4</sup> No caso do Homem dos Lobos, por mais que Freud persiga o acontecimento, acaba por

boração da noção de construção. Com essa noção, Freud parece dar mais importância do que anteriormente à atividade do analista na condução da análise e em seus resultados. Assim, afirma que "o trabalho de análise consiste em duas partes bem diferentes; envolve duas pessoas, a cada uma das quais se atribui uma tarefa distinta. Pode parecer estranho que um fato tão fundamental não tenha sido assinalado há muito tempo atrás..."<sup>6</sup>

Se a rememoração é abandonada por Freud, é porque ele se dá conta de que as narrativas derivadas da análise são construídas tanto pelo analista quanto pelo analisando a partir do que é vivido transferencialmente durante o próprio processo. O trabalho do analista está já incluído no que é construído a título de um quadro

correspondência com as construções em psicanálise. Desde que Freud desiste de atingir uma reconstrução fiel da realidade do passado, contentando-se com a idéia de que a construção contém apenas um fragmento deste passado, ele passa a apreciá-la por seu valor estratégico no tratamento: valor certificado apenas por seus efeitos. Nesse ponto, é importante dizer que o valor estratégico das construções tem como um critério seu poder de desvelar os caminhos do desejo inconsciente. Não se trata de algum critério adaptativo de melhora.

Os mitos e a história fornecem, ambos, um quadro do passado. São dois caminhos alternativos para a abordagem do passado, e não são fáceis de separar. O mesmo acontece com as construções, que combinam memórias do passado com elementos míticos. Estes funcionam como moldura que complementa e organiza as memórias, fornecendo um certo sentido para o passado; sentido que emerge da possibilidade de desvelar como certos desejos estiveram implicados na história de um analisando, desejos que não foram até então reconhecidos por ele como capazes de estruturar sua vida e suas escolhas.

## Uma construção

Escolhi relatar um fragmento de caso clínico porque traz à baila uma construção que teve uma grande importância na análise de uma mulher, tendo sido considerada por ela como especialmente reveladora. Uma nova compreensão de sua história e escolhas, associada a essa construção, permitiu-lhe maior liberdade e flexibilidade em suas escolhas, interferindo em algo que só poderíamos descrever como uma compulsão à repetição.

Maria já tinha estado em análise por vários anos, e achava que estava livre de seus sofrimentos e sintomas neuróticos. Quando deci-

diu voltar a analisar-se, tinha acabado de se separar do marido com quem vivera por muito tempo, num casamento sempre difícil, e que tinha se tornado muito problemático e doloroso no seu período final. A separação se deu após um longo período em que ela foi tomada por uma enorme raiva. Ficava frequentemente alarmada com a intensidade do ódio que o marido era capaz de provocar nela, ódio revelado em sonhos de óbvia violência. A agressividade de seu marido contra ela parecia-lhe também inexplicável. Parecia que qualquer intervenção dele em seus assuntos visava sempre prejudicá-la. Costumava referir-se a ele, jocosamente, como seu "inimigo público número um."

O divórcio, embora inevitável, foi um grande desapontamento para ela. Significava uma ferida narcísica, uma confissão de fracasso em um projeto no qual investira muito. Era também o fracasso em corresponder a uma expectativa familiar muito investida: a preservação de uma família sólida e unida. Mas não era só isso. O casamento fora resultado de uma grande paixão.

Inicialmente, embora muito deprimida, ela não pensou em retomar uma análise. Considerava natural estar tão deprimida pelo fim de um casamento que havia durado tantos anos. A decisão de começar uma nova análise resultou de um acidente. Essa foi a história que ela me relatou na primeira vez em que nos vimos:

Uma noite, recebeu alguns amigos. Depois que partiram, arrumou a casa e sentou-se em uma poltrona para descansar. Em instantes, adormeceu. Ficou muito surpresa de acordar em sua cama, na manhã seguinte, depois de uma noite de sono sem sonhos. Ao levantar-se, levou um susto ao encontrar o estofamento de sua poltrona cheia de manchas pretas e buracos, como se tivesse sido queimada: provavelmente, por uma brasa do cigarro que fumava quando adormeceu.

Sua filha, que tinha acordado durante a noite, encontrou a poltrona soltando fumaça. Extinguiu as brasas com água, e levou as almofadas para o jardim, temendo uma reno-



Os elementos míticos funcionam como moldura que complementa e organiza as memórias.

vação do fogo. Maria ficou aterrorizada face ao perigo que tinha corrido. A casa poderia ter se incendiado, e seus filhos e ela teriam sido atingidos.

Após algumas horas, ainda muito nervosa com o episódio da poltrona queimada, Maria sentiu algo estranho em suas costas, como uma coceira ou irritação conseqüente a uma mordida de inseto, e procurou um espelho para ver o que era. Descobriu então que suas costas estavam feridas. Havia uma marca bastante grande produzida por queimadura. Maria não podia entender como não se lembrava de ter sentido dor alguma. Reconstruiu o que acontecera: quando estava quase dormindo, uma brasa de seu cigarro caíra no estofamento da poltrona, e vagarosamente espalhou-se. Quando as brasas começaram a queimá-la, ela se levantara, sem pensar no que poderia estar acontecendo, no porquê de seu

desconforto, e, meio adormecida, foi para o quarto, jogando-se na cama e adormecendo de novo como se nada houvesse acontecido.

O pavor ao imaginar o que poderia ter ocorrido, se não fosse a feliz coincidência de sua filha ter acordado, foi muito grande. O fato de que ela era muito cuidadosa consigo mesma e com os filhos - nunca havia sequer quebrado o braço na infância, como ocorre com muitas crianças - alertou-a: não estava em condições de lidar sozinha com a crise pela qual estava passando.

A construção que emergiu, após um ano de análise, relacionava-se aos seguintes fatos de seu passado. A mãe de Maria, uma mulher deprimida e bastante agressiva, freqüentemente gritava com ela e a xingava de forma destemperada quando estava aborrecida. Uma de suas fórmulas muito freqüentes era: "você faz de minha vida um inferno, queria que você estivesse morta". Maria não pensava em sua mãe como rejeitadora ou fria. Ela sempre cuidou de seus filhos, Maria e quatro irmãos, de forma adequada. Quanto a saúde, alimentação e educação, Maria não se lembrava de qualquer desatenção por parte dela. Esses excessos de agressão verbal contra a filha eram considerados pela família como uma excentricidade, manifestações de um péssimo gênio, um traço de personalidade. Faziam-se piadas na família, habitualmente, sobre este mau gênio.

A construção emergiu no processo psicanalítico depois de uma breve intervenção da analista. Maria, em suas associações sobre o acidente da poltrona, tendia a justificar a falta de atenção e cuidado consigo mesma atribuindo sua distração ao *stress* excessivo causado pelo egoísmo e pelos ataques agressivos de seu ex-marido. A analista, um dia, perguntou: "você acha que ele queria que você desaparecesse, morresse?"

Essa pequena interpretação trouxe inicialmente uma expressão de espanto, e logo depois Maria começou a chorar. Depois de se dar conta de que fora exatamente assim que tinha interpretado a frieza e agressividade de seu marido em relação a ela, lembrou-se de imediato dos xingamentos e maldições que ouvia de sua mãe. Na verdade, nun-

Para Freud, as construções assumem a forma de narrativa do passado. É tarefa do analista fazer inferências a partir da transferência e elaborar a construção.

ca os havia esquecido, embora jamais tivesse falado deles na análise. Sua mãe os repetia até que ela já estivesse bem crescida. Entretanto, era a primeira vez que confessava para si mesma toda a raiva e todo o medo que sentia nessas ocasiões. Maria ficou surpresa com o que percebia agora, embora essas recordações não fossem nada novas para ela. Percebeu que as maldições e os desejos assassinos verbalizados pela mãe haviam sido tomados literalmente por ela, e a assustado muito. Ao mesmo tempo, deu-se conta da gravidade do temperamento agressivo da mãe, como sintoma de uma certa loucura que ela jamais considerara como tal. Nunca pensara na mãe como "desequilibrada". Mesmo que fosse claro que ela jamais a mataria de verdade, não ha-

via nada divertido em todas estas promessas de matar uma criança. Promessas que expressavam uma hostilidade real, e eram demonstração inequívoca de falta de amor, de cuidado e de respeito pela filha.

A partir do relato deste pequeno fragmento de um caso clínico, a primeira coisa que se torna necessária é justificar por que estamos considerando que encontramos aqui uma *construção*. No artigo de Freud sobre as construções, elas assumem a forma de uma narrativa do passado, como o exemplo mencionado por ele e que citamos anteriormente. Por outro lado, é tarefa do analista, sua função, fazer inferências a partir da transferência e elaborar a construção. A partir de nosso fragmento, a construção seria algo como: "Quando você era criança, sua mãe a xingava e gritava votos de morte para você. Embora tenha tentado se convencer de que era apenas uma manifestação do seu mau gênio, ou um estado de espírito passageiro, na verdade o que você queria era minimizar tanto a angústia e o medo que essas palavras raiosas lhe causavam, quanto a triste impressão de que para ela você era um problema de que ela gostaria de se livrar, e não um motivo de alegria." Essa pequena narrativa segue bem satisfatoriamente o modelo apresentado por Freud em seu texto. Mas na verdade essa construção nunca foi ensaiada, não surgiu como uma narrativa acabada. Seus segmentos foram formulados em momentos diferentes, e não foram verbalizados pela analista, mas pela própria Maria. Se os combinamos agora, para formular *a posteriori* uma construção de acordo com a fórmula freudiana, na ocasião todos os seus elementos foram ditos pela analisanda. A intervenção da analista que permitiu ou desencadeou este *insight* foi, como vimos, muito modesta, e mereceria ser qualificada como uma interpretação mais do que como uma construção.

As conseqüências dessa interpretação naturalmente não haviam sido previstas pela analista. Primeiro porque Maria não havia mencionado os insultos e a fala abusiva de sua mãe, já que não atribuía muita importância ao assunto, e a analista não tinha idéia de toda a violência contida nas repetidas fórmulas verbais empregadas pela mãe de Maria para repreendê-la. Foi preciso que ela se espantasse com essa violência verbal para começar a pensar sobre o assunto, e relatasse em análise o que sempre soubera.

Embora ignorando esse aspecto da história da analisanda, a analista deve ter tido alguma pista transferencial para apoiar sua pequena intervenção, que, embora uma vaga conjectura, permitiu uma nova construção de uma antiga história. Podemos portanto concluir que a construção, quer seja verbalizada pelo analisando ou pelo analista, não tem autor. É uma conseqüência do processo analítico, algo que tem lugar entre ambos.

## Reminiscências

Maria não apenas lembrou seus sentimentos de tristeza, medo e raiva. Ela realmente os experimentou na análise com grande intensidade, e espantou-se de revivê-los tão fora de hora, quando tudo tinha terminado há tanto tempo. Terá ela trazido de volta estes sentimentos, que mesmo não tendo sido reconhecidos já haviam sido experimentados na infância? Ou foi durante a análise que os experimentou pela primeira vez? O inconsciente já está lá, para ser desvelado pela análise? Ou é um inconsciente transpessoal, sendo forjado no próprio interior da prática analítica? Poder-se-ia levantar tal questão, se a boa construção é caracterizada pelo sentimento de convicção que desperta, e não por ser uma reprodução fiel do que houve no passado.

Encontramos, desde os primeiros trabalhos de Freud, a idéia de que as reminiscências são inseparáveis das fantasias. As memórias da infância, diferentemente das memórias conscientes de idades mais tardias “não são fixadas no momento em que são experimentadas e repetidas depois, mas são apenas provocadas numa idade posterior, quando a infância já terminou; no processo são geralmente alteradas e falsificadas, e postas a serviço de tendências mais tardias, de forma que em geral elas não podem ser nitidamente diferenciadas de fantasias”.<sup>9</sup>

Freud compara estas memórias com as origens da escrita da história, na Antigüidade. No início, a vida era uma luta permanente pela sobrevivência, riqueza e território, e não se tinha disponibilidade para fazer história: “era uma época de heróis, não de historiadores. Então veio outra era, a era da reflexão”.<sup>10</sup>

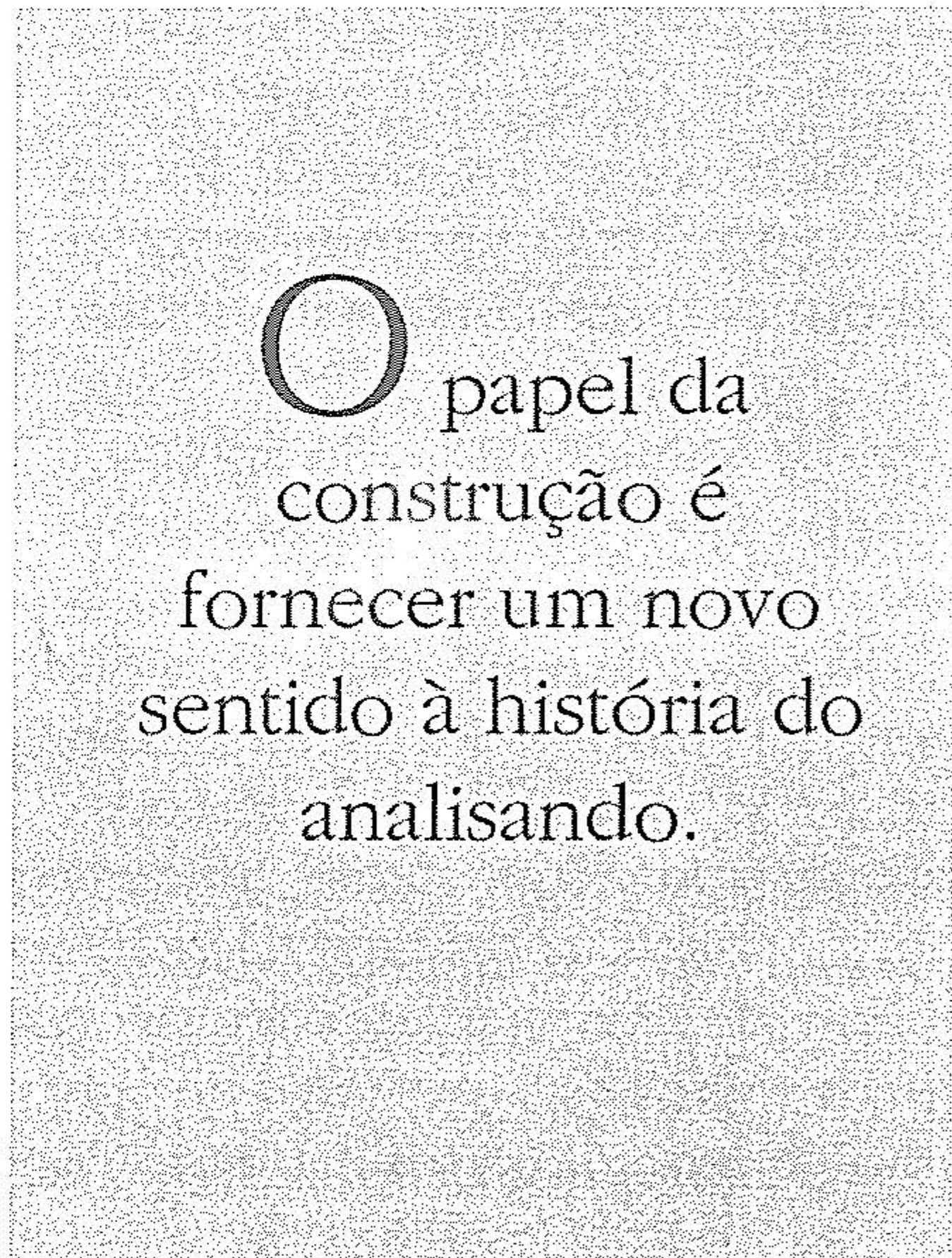
A era da reflexão é a de questionar as origens. E sabemos que os mitos servem para solucionar os enigmas sobre as origens de tudo o que é fundamental para nós. O homem busca saber de onde veio e como se desenvolveu. Para isso, “recolheu tradições e lendas, interpretou os traços da Antigüidade que sobreviveram nos costumes e hábitos. Surgiu uma narrativa do passado”. Mas Freud alerta: “era inevitável que essa história pretérita tivesse sido uma expressão das crenças e desejos atuais, mais do que um retrato verdadeiro do passado”.

Essa analogia sem dúvida nos apoia quanto à similaridade entre os mitos e as construções em análise. Podemos concluir de imediato que Freud sempre considerou os *desejos atuais* como fatores efetivos nas construções. Eles são muito mais do que meras reproduções do passado, da mesma forma que as necessidades atuais de um dado grupo social se refletem em seus mitos. Por outro lado, assim como o mito estrutura e se reflete na vida social de um grupo, o sentido de

uma história infantil tem repercussões na vida atual do analisando e nos laços que ele estabelece com as pessoas.

O papel da construção é fornecer um novo sentido à história do analisando, um sentido que corresponda às descobertas que ocorreram no passado analítico. Mas além disso, uma nova construção e a convicção associada a ela também deveriam ter efeitos práticos na vida atual, modificando certas posições do analisando.

Para examinar mais detidamente esse aspecto, voltemos ao caso de Maria. Houve mudanças significativas que pudéssemos considerar como conseqüências da construção?



O papel da construção é fornecer um novo sentido à história do analisando.

Quais foram? Nada da ordem de uma remoção de sintomas. Como vimos, não havia sintomas no início da segunda análise, e o incidente da poltrona foi a única razão que a levou a considerar que precisava de análise. Ocorreram, entretanto, certas modificações que, embora muito sutis, foram consideradas por ela como as mais liberadoras de todos os seus anos de análise.

Revisitando seu passado, Maria identificou uma inclinação a tomar decisões de uma forma desvantajosa para ela em muitas situações de sua vida. Percebia que havia

desperdiçado muitas oportunidades, colocando obstáculos à obtenção de coisas que queria.

Uma sutil mas permanente falta de entusiasmo em lutar pelo que queria se dissipou. Esta nova liberdade teve um preço. Só a conseguiu após renunciar à imagem de uma mãe excêntrica mas amorosa, reconhecendo sua falta de generosidade e seu grave narcisismo.

Todas as mudanças que ocorreram após a construção em questão estavam relacionadas com um traço masoquista que Maria agora podia reconhecer, e que permeava sua vida. Esse masoquismo estava fortemente ligado ao laço erótico à sua mãe - e à obediência a suas palavras - ao qual não queria renunciar. Ao reconhecer seu desejo de realizar as profecias de sua mãe e de acreditar que tivera uma mãe plenamente amorosa, Maria livrou-se da compulsão a repetir e pôde elaborar o luto por um passado "feliz" de que na verdade nunca usufruía.

Nessa história analítica, os efeitos da construção foram liberadores de sofrimento, mas não foram evocadas memórias enterradas pela amnésia infantil. Essas memórias sempre haviam estado acessíveis. Houve, entretanto, uma *reinterpretação da história* da analisanda, que a coloriu com um significado bastante diferente. O que faltava ao quadro destes eventos passados do qual Maria dispunha não era um fragmento de história, mas o reconhecimento, em análise, dos sentimentos que esses incidentes realmente evocavam. Além de viver o medo e a raiva nela despertados por sua mãe, deu-se conta de que tentava minimizar a importância de uma realidade desprazerosa protegendo a imagem da "mãe amorosa", escondendo por muito tempo seus sentimentos reais.

O que havia sido omitido, e foi construído em análise, não foi algum evento (o que não significa que isso não possa ocorrer), mas *sentimentos e desejos*. É o reconheci-

to de desejos previamente inconscientes que traz um novo significado à história de vida do analisando. O reconhecimento de desejos inconscientes atravessa a reinterpretação ocorrida na história, reinterpretação que caracterizamos como uma construção.

### Psicanálise e mitologia

A psicanálise sempre manteve elos com a mitologia. Desde seus primeiros trabalhos, Freud atribuiu um papel fundamental ao mito. Numa famosa carta a Fliess de 1897 (carta 78), menciona o papel do que chama "mitos endopsíquicos": "A percepção interna obscura do próprio aparelho psíquico do indivíduo gera ilusões que são projetadas no exterior ... é uma psicomitologia." Assim sendo, a psicanálise poderia também contribuir para a investigação do papel do mito na cultura.

Freud também se refere ao mito em um contexto diferente. Em sua carta a Einstein de 1932, diz que, embora suas teorias possam parecer àquele uma espécie de mitologia, toda ciência, até mesmo a física, chega eventualmente a uma espécie de mitologia. A mitologia, tal como a teoria científica, organiza um certo campo de experiências, fornecendo um quadro estável do real.

Em sua conhecida afirmativa de que a teoria das pulsões é a mito-

logia da psicanálise, Freud também aproxima os conceitos teóricos dos mitos. Em sua preocupação com a epistemologia da teoria e da prática que fundou, reconhece que as teorias são de natureza convencional, que são instrumentos construídos pelo homem para apreender, organizar e lidar com um ou outro setor da realidade.

A antropologia estrutural enfatizou a presença dos mesmos padrões lógicos em mitos de diferentes culturas. De acordo com Lévi-Strauss, um expoente dessa escola antropológica, o mito participa em um sistema temporal duplo. Por um lado, é o relato de um evento passado. É sempre algo que ocorreu no início dos tempos. Por outro lado, o valor dos mitos está relacionados ao fato de que a história, os incidentes narrados, formam uma moldura atemporal e permanente que permite a interpretação de fatos passados, presentes e futuros.<sup>11</sup>

Ao tomarmos as histórias do Édipo e do pai primevo de *Totem e Tabu* como dois mitos centrais na psicanálise, estaremos apoiados pela antropologia estrutural, já que o valor desses mitos para a psicanálise é claramente transcultural.

O mito grego de Édipo, reinterpretado do ponto de vista das descobertas da psicanálise, ilustra a estruturação da organização psíquica dentro do drama familiar, e o

O reconhecimento de sentimentos e desejos inconscientes atravessa a reinterpretação da história: é isto que caracterizamos como uma *construção*.

papel fundamental do pai nesse processo. É uma questão que permeia todas as culturas e formas de organização familiar.

*Totem e Tabu* apresenta o mito freudiano das origens da cultura, representando o advento dos laços sociais e a transição do homem de um estado de natureza para o estado de cultura. Através de um tipo especial de contrato social - com o qual o incesto e o assassinato ficam proibidos - surge a base mínima para a constituição de uma sociedade humana. Freud não pareceu preocupar-se com as críticas às teorias antropológicas que empregou para elaborar o que chamava de seu "mito científico", argumentando que não era antropólogo, mas psicanalista. Se as coisas não ocorreram como relata seu mito científico, o campo das descobertas psicanalíticas ainda justifica seu valor.

Esse mito nos serve para apreender e interpretar a forma pela qual cada criança recém-nascida entra no campo da cultura e da linguagem. Através do adulto, de quem a imaturidade da criança a faz inteiramente dependente, a criança será introduzida na ordem cultural. A fala do adulto terá um cunho tirânico sobre a criança, e isso por duas razões. Primeiramente, porque a incapacidade da criança de defender-se por conta própria de qualquer desconforto ou sofrimento é suficiente para dotar o adulto de um poder avassalador. Segundo, porque é a fala do adulto que estrutura o mundo em que vive a criança, o mundo cultural, cujo acesso só pode ser garantido pela linguagem. O adulto que domina a linguagem e porta os valores culturais talvez apareça inicialmente como se fosse o próprio autor desta linguagem e destes valores. Esse é exatamente o papel dos pais na gênese do supereu, cuja função é transmitir os valores da cultura de uma geração para a outra.

Essa mesma história das origens, o mito psicanalítico, serve para

interpretar o fragmento de caso clínico apresentado. O poder do adulto e de sua fala, nas origens de cada história singular, configura um padrão lógico que nos permite compreender por que os desejos de morte formulados pela mãe de Maria foram tomados como verdadeiras ordens, com um valor de imposição inquestionável, como um estranho imperativo categórico a exigir obediência compulsiva (que é como se pode caracterizar o supereu arcaico).

Geralmente, as ofensas à criança proferidas pelos pais assumem o papel de verdadeiras afirmativas sobre o seu ser. Não são tomadas como ataques de destempero verbal, nem como manifestações de egoísmo ou de falta de consideração. Não há como criticar o amado tirano das origens. O que ele diz é *a verdade*. Mais ainda, o que ele diz é. O adulto só pode ser considerado como um ser incompleto, capaz de falhas, após um longo e duro processo, que em muitos casos não chega a uma conclusão satisfatória sem a ajuda da psicanálise.

A construção a que se chegou na análise de Maria permitiu dar um sentido inédito não apenas ao acidente que a conduziu à análise, mas também a muitos outros fatos menores, ligados a uma inibição em relação ao sucesso. Na verdade, ela nunca identificara alguma inibição que prejudicasse sua vida e fosse algo de que gostaria de se livrar. Só depois que uma mudança efetiva ocorreu, que essa inibição associada com uma leve e permanente depressão foi superada, ela a percebeu como algo que existia no passado. Curiosamente, este fato foi considerado por ela, dentre os efeitos de análise, o que lhe trouxe maior alívio. Considerando esses efeitos múltiplos que a análise desnudou, podemos dizer que eram todos traços indicativos de uma posição masoquista básica.

A questão que podemos formular é: em que medida a posição

masoquista seria a última fronteira que, na maioria dos casos, a análise poderia atingir? Pois o adulto, a quem o desamparo extremo da criança transforma em um tirano nos moldes do pai primevo, é também o primeiro objeto de amor e o modelo para todo o amor futuro. Em favor dessa idéia temos a ênfase, colocada por Freud em seus últimos trabalhos, no masoquismo originário, no supereu tirânico e na fantasia masoquista fundamental. Essas foram opções teóricas com as quais procurou levar em conta o que lhe parecia, em sua clínica, a barreira mais obstinada que se erguia contra o esforço do analista: a reação terapêutica negativa, a insistência nos caminhos que levam ao fracasso e ao sofrimento.

O que realmente ocorreu nas origens é algo impossível de desvelar: pertence ao campo do mito. Mas, como os mitos, as construções nos permitem dar conta do que encontramos como efeitos sintomáticos em nosso analisandos, e interferir nesses efeitos. ■

## NOTAS

1. S. Freud, "Constructions in analysis", Standard Edition (S.E.), Londres, The Hogarth Press, vol. 23, p. 261.
2. S. Freud, "A child is being beaten", S.E. 17, p. 185.
3. S. Freud, op. cit., p. 183.
4. Op. cit., p. 185.
5. S. Freud, "From the history of an infantile neurosis", S.E. 17, p. 120.
6. S. Freud, "Constructions ...", S.E. 23, p. 258.
7. M. Eliade, *Mito e realidade*, São Paulo, Perspectiva, 1994, p. 11.
8. J. Echeverría, *apud* Ferrater Mora, *Dicionário de Filosofia*, vol. III, p. 2237.
9. S. Freud, "Leonardo da Vinci and a memory of his childhood", S.E. 11, p. 83.
10. Idem, *ibid.*
11. C. Lévi-Strauss, "A estrutura do mito", in *Antropologia estrutural*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1965, p. 241.